

**Inspere**

**Ciências Econômicas**

**Marcela Sassaroli Sturlini Martins Batista**

**Prostituição no Sudeste Asiático: Por que mulheres no Camboja e Vietnã  
escolhem se prostituir?**

**São Paulo**

**2019**

**Inspere**

**Ciências Econômicas**

**Marcela Sassaroli Sturlini Martins Batista**

**Prostituição no Sudeste Asiático: Por que mulheres no Camboja e Vietnã  
escolhem se prostituir?**

Monografia apresentada ao programa de  
Graduação em Economia como requisito  
parcial para a obtenção do título de Bacharel  
em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Luciana Yeung

**São Paulo**

**2019**

Batista, Marcela Sassaroli Sturlini Martins.  
Prostituição no Sudeste Asiático: Por que mulheres no Camboja e Vietnã  
escolhem se prostituir?/  
Marcela Sassaroli Sturlini Martins Batista. – São Paulo, 2019.  
37 f.

Monografia – Insper, 2019  
Orientador: Luciana Yeung

1. Prostituição 2. Tráfico humano 3. Camboja 4. Vietnã I. Autor II. Título

**Marcela Sassaroli Sturlini Martins Batista**

**Prostituição no Sudeste Asiático: Por que mulheres no Camboja e Vietnã escolhem se prostituir?**

Monografia apresentada ao programa de Graduação em Economia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Luciana Yeung

**Banca Examinadora**

---

Luciana Yeung  
Insper

---

Juliana Inhasz  
Insper

## Resumo

Esse trabalho visa estudar o que motiva as mulheres do Sudeste Asiático a entrar no mercado do sexo. Muitos acreditam que tal decisão não é tomada por estas mulheres e sim por terceiros, entretanto, o que esse estudo mostra, é que de fato existem mulheres que são coagidas a se prostituir, mas a grande maioria delas opta por tal profissão dado que dentro das ocupações disponíveis, seu nível de capital humano e condição social, a prostituição é a escolha que maximiza a sua utilidade.

**Palavras-chave:** Prostituição. Tráfico humano. Vietnã. Camboja

## **Abstract**

This paper aims to study what motivates Southeast Asian women to enter the sex market. Many believe that such a decision is not made by these women but by third parties, however, what this study shows is that in fact there are women who are coerced into prostitution, but the vast majority of them chooses such profession given that within available occupations, their level of human capital and social status, prostitution is the choice that maximizes their payoffs.

**Keywords:** Prostitution. Human trafficking. Vietnam. Cambodia

## Sumário

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2.</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1.</b>	<b>Definições de profissional do sexo</b> .....	<b>9</b>
<b>2.2.</b>	<b>Livre X Forçado</b> .....	<b>11</b>
<b>2.3.</b>	<b>Humanitarismo Perverso</b> .....	<b>12</b>
<b>2.4.</b>	<b>Trajetórias Socioeconômicas e Estilos de Profissionais do Sexo</b> .....	<b>16</b>
2.4.1.	Camboja .....	17
2.4.2.	Vietnã .....	21
<b>2.5.</b>	<b>A racionalização do trabalho sexual feminino</b> .....	<b>27</b>
<b>3.</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>35</b>



## 1. Introdução

Segundo a historiadora Marieke van Doorninck, da fundação A. de Graaf da Holanda, um dos mais respeitados centros mundiais de estudos sobre a prostituição, em quase todas as línguas existe a história de que a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, porém ninguém sabe ao certo por que<sup>1</sup>. O que não existe discussão a respeito é de que a profissão é extremamente antiga e também uma das mais polêmicas. Ainda hoje, talvez por estigma social, a prostituição é fortemente relacionada à exploração sexual. Assim, é tido como verdade que mulheres que trabalham como prostitutas foram coagidas àquela vida, ajudando a caracterizar a profissão como ilegal na maior parte do mundo, e, naqueles países na qual a mesma é legalizada, bordéis/prostíbulos não são na tentativa de erradicar casos de exploração sexual em determinada região<sup>2</sup>. Todavia, nos últimos anos, com diversas questões feministas vindo à tona, passou-se a considerar o fato de que as mulheres não são vítimas nesse mercado mas sim optaram por tal profissão.

Lendo artigos e notícias a respeito e me aprofundando um pouco mais no tema, percebi que, no Sudeste Asiático, o mencionado acima muitas vezes é o caso. O tráfico humano nos países e entre países da região asiática gera cerca de USD 2 MM de lucro por ano para grupos criminosos<sup>3</sup> e segundo dados da CIA, as mulheres do Sudeste Asiático são as principais vítimas do tráfico e representam um quarto de todas as mulheres traficadas no mundo. Assim, o governo é levado a acreditar que profissionais do sexo ali presentes são imigrantes traficados com o propósito de servirem através da exploração sexual, o que não necessariamente é verdade, tornando as políticas públicas pouco eficazes visto que a causa do problema é incerta.

Assim, gostaria de responder às perguntas: Por que as mulheres no sudeste asiático optam por entrar no ramo da prostituição e como os governos locais, mas também a comunidade internacional deve lidar com isso, focando no Vietnã e Camboja. A minha hipótese inicial é de que, dado salários extremamente baixos e

---

<sup>1</sup> <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/e-verdade-que-a-prostituicao-e-a-profissao-mais-antiga/>

<sup>2</sup> <https://jornalggn.com.br/noticia/as-leis-sobre-prostituicao-em-diversos-paises-europeus>

<sup>3</sup> [https://24.sapo.pt/noticias/internacional/artigo/trafico-humano-move-1-800-me-por-ano-na-asia-onu\\_19158090.html](https://24.sapo.pt/noticias/internacional/artigo/trafico-humano-move-1-800-me-por-ano-na-asia-onu_19158090.html)

condições de trabalho degradantes na indústria de vestimenta, as mulheres entram nesse mercado em busca de condições de vida melhores.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1. Definições de profissional do sexo

O que é trabalho sexual e como este funciona é um assunto de muito debate. Há dúvidas sobre como o trabalho sexual deve ser definido e chamado, sobre o porquê das mulheres entrarem neste ramo e como os governos, as ONGs e a sociedade como um todo devem lidar com tal fenômeno. As diferentes respostas para estas perguntas vão desde abolir completamente o trabalho sexual, até legalizá-lo e tratá-lo como uma profissão, dependendo apenas do histórico dos acadêmicos e ativistas que lidam com o tópico. Para tentar simplificar alguns destes questionamentos, eu inicio este estudo definindo o trabalho sexual com base nas estudiosas Heidi Hoefinger, Larissa Sandy e Kimberly Hoang, que conduziram extensas pesquisas sobre trabalho sexual. Elas oferecem definições que se afastam dos discursos em torno do comércio sexual, mas incluem conceitos de intimidade e, acima de tudo, pontos de vista de mulheres que trabalham na indústria, fato que eu, pessoalmente, vejo como de vital importância para a compreensão do trabalho sexual e suas motivações.

Desde a década de 1970, profissionais do sexo se envolvem em discursos públicos sobre sua profissão tentando alterar sua imagem de vítimas que são forçadas à prostituição ou mulheres depravadas que precisam de resgate ou reeducação (HOEFINGER; SRUN, 2017, p. 2; SANDY, 2006, p.451). Ao oferecer trabalho sexual como um termo alternativo para, na sua percepção, eufemismos e termos depreciativos como 'prostituta', 'garota de programa' ou 'puta', as mulheres do setor têm tentado definir o trabalho sexual como o que elas veem: oferecer serviços sexuais como profissão (SANDY, 2006, p. 451). O termo sugere entender trabalhadoras do sexo como profissionais que oferecem serviços como a maioria das pessoas faz em muitos outros setores, deixando de anexar identidades ou características socioeconômicas e psicológicas à profissão (ibid.). Em outras palavras, o termo visa romper a estigma que envolve as profissionais do sexo e as associações que vêm com isso.

Como o título de seu livro *“Sex, Love and Money: Professional girlfriends and transactional relationships”* (2013) já sugere, Hoefinger adiciona outra faceta aos nomes utilizados para profissionais do sexo. Com base em suas pesquisas na indústria do sexo Cambojana, ela introduz os termos “namoradas profissionais” e “sexo transacional” para evitar discursos públicos em torno do comércio sexual (p. 68). Ao mesmo tempo, ela enfatiza a ideia de que trocas sexuais baseadas em presentes podem ser muito mais variadas do que apenas a ideia comum de prostituição por dinheiro, incluindo relacionamentos de curto e longo prazo. É importante notar que, a grande maioria dos relacionamentos românticos hoje envolve trocas de presentes entre os parceiros e muitas vezes tais parceiros optam por dividir as despesas de subsistência ou um dos parceiros acaba pagando mais do que o outro. Isso vale tanto para as relações internacionais quanto para as domésticas e não é apenas um fenômeno das relações entre o Ocidente e o Camboja (p. 167). “O objetivo não é desenhar distinções impermeáveis entre quem está agindo como uma prostituta, uma namorada profissional e uma namorada “convencional” (não comercial / não transacional), porque as fronteiras entre as três são às vezes fluidas” (HOEFINGER, 2013, p.170).

Somando-se a essa noção de namoradas profissionais, Hoang (2011) usa o conceito de relações íntimas de Zelitzer (2007). A ideia aqui é provar que a mistura de intimidade e trocas materiais está muito mais presente em relacionamentos (ou aspectos deles) do que as pessoas imaginam como em remessas entre imigrantes e suas famílias, heranças, dotes de noivas, divórcios ou empregando babás para cuidar de crianças, por exemplo, (ZELITZER, 2007, p. 16). Tal mistura acontece quando disponibilizamos informações pessoais, que geralmente não são acessíveis à terceiros, para uma pessoa. Assim, a intimidade torna-se um conceito mais amplo e não está necessariamente ligada à troca de sentimentos românticos ou ao conceito de cuidado. O conceito de Zelitzer explica como a troca de diferentes tipos de recursos leva a relacionamentos de curto e longo prazo entre trabalhadoras do sexo e seus clientes (HOANG, 2011, p. 372). Esta noção de trabalho sexual, serve tanto para salientar Hoefinger, como desvia das definições clássicas de sexo por dinheiro do trabalho sexual, incluindo conceitos de intimidade e, ao mesmo tempo, normalizando a sobreposição de emoções e trocas materiais. No entanto, esta definição não sugere que as trocas de sexo por dinheiro, bem como a violência

sexual e a prostituição forçada não existam, mas, como será explicado mais adiante, oferece uma visão mais diferenciada do trabalho sexual que reconhece que o mesmo não está sempre vinculado à coerção e força.

## 2.2. Livre X Forçado

Tendo definido trabalho sexual como uma profissão que, assim como outras, pode incluir intimidade, sentimentos românticos, relacionamentos de curto e longo prazo e fluxos materiais ao mesmo tempo, é necessário que eu de uma visão geral de duas ideias diferentes sobre a natureza do trabalho sexual, descrevendo a dicotomia “Livre X Forçado”. Essa dicotomia basicamente cria opostos binários com vítimas inocentes da prostituição forçada de um lado e agentes capazes engajadas na profissão com base na sua livre escolha de outro (HOEFINGER, 2013; SANDY, 2006, p. 450-453). Assim como o termo trabalho sexual, a dicotomia tem suas origens no movimento das trabalhadoras sexuais que começou na década de 1970. Nesse movimento, as mulheres (especialmente no Sudeste Asiático) defenderam a legitimidade do seu trabalho e se definiram como profissionais do sexo voluntárias que se envolvem livremente em sexo para transações monetárias. Ao mesmo tempo, eles se opunham ao trabalho sexual forçado em todas as formas, lutando, assim, para melhorar sua própria imagem e expondo condições de trabalho violentas simultaneamente. Elas tentaram guiar a discussão pública para longe do senso comum de se considerar todas as formas de trabalho sexual desprezíveis e aproxima-la à ideia de que o trabalho sexual voluntário e sem coerção é aceitável e deveria ser tratado como todas as outras profissões. Esta noção na maioria das vezes anda de mãos dadas com a demanda da legalização da prostituição.

Do outro lado da dicotomia, existe o feminismo abolicionista que define o trabalho sexual como violência contra as mulheres sem exceção (KEMPADDO, 2016, p. 2-3). Muitos defensores do feminismo abolicionista afirmam que a maioria ou grande parte das profissionais do sexo no Sudeste Asiático são vítimas de “tráfico sexual”, tendo sido sequestradas e fisicamente forçados a se prostituir por criminosos ou estão envolvidas em complexas teias de escravidão as quais levaram outros a apropriar-se de seus corpos. Para combater o tráfico sexual, partidários do

feminismo abolicionista de diferentes partes da sociedade, local e global, trabalham juntos em campanhas antiescravistas que visam à captura de traficantes e à liberação de profissionais do sexo forçadas (HOANG, 2016, p. 21-24; KEMPADDO, 2016, p. 3). Algumas organizações de direitos das mulheres, igrejas, instituições educacionais e empresas de viagens, por exemplo, organizam excursões ao Vietnã, Tailândia e Camboja, onde mostram aos turistas uma realidade filtrada da indústria do sexo nesses países (SHIH, 2017, p. 779-787). Essas excursões oferecem um olhar muito intenso sobre a situação da escravidão sexual na opinião dos organizadores ao apresentar os participantes a ativistas, ONGs locais e vítimas de tráfico humano. Frequentemente, os participantes visitam distritos e clubes noturnos para testemunhar e entender o tráfico. No entanto, essas visitas raramente fornecem contextos históricos ou contemporâneos e são na maioria dos casos muito unilaterais, criando assim uma imagem do sexo comercial que não corresponde à realidade de muitas profissionais do sexo e negligencia suas perspectivas (HOEFINGER, 2013, p. 83). Assim como os defensores do movimento dos trabalhadores do sexo, muitos defensores do feminismo abolicionista usam o trabalho de lobby para alcançar seus objetivos, que são frequentemente formas diferentes de criminalização do trabalho sexual. A seguir, apresentarei mais facetas de como o público, especialmente governos e ONGs, lidam com o trabalho sexual no Sudeste Asiático.

### **2.3. Humanitarismo Perverso**

A dicotomia Livre X Forçada é importante para entender como o feminismo abolicionista em conjunto com o trabalho humanitário impacta negativamente a vida das profissionais do sexo voluntárias. O "complexo industrial sem fins lucrativos", o "humanitarismo perverso" ou o "imperialismo humanitário" são todos termos que descrevem que o sucesso do trabalho das ONGs depende muito de sua cooperação com doadores e governos e, portanto, muitas vezes não atende às necessidades reais de comunidades e, em alguns casos, até mesmo prejudica suas situações (HOANG, 2016; HUANG; PAN, 2014, p. 1075-1076; KOTISWARAN, 2013, p. 403-405; SHIH 2017). No entanto, estes termos enfatizam diferentes aspectos da ajuda

humanitária no contexto do trabalho sexual. A seguir, darei uma visão mais profunda do conceito de “humanitarismo perverso” de Hoang, o qual ela descreve em seu artigo *“Perverse Humanitarianism and the Business of Rescue”* (2016). Nesse artigo, Hoang questiona crenças comuns sobre questões morais, bem como vítimas, perpetradores e socorristas no contexto do trabalho sexual. Ela aponta que muitos abolicionistas recorrem ao discurso moral para pressionar o Estado a criminalizar os traficantes e resgatar suas vítimas (p. 21). No entanto, nem a origem desses discursos morais nem os impactos das ações dos ativistas na vida de seus grupos-alvo são levados em consideração.

Em 2008, o Relatório sobre o Tráfico de Pessoas (TIP) do Departamento de Estado dos EUA classificou o Vietnã como um país do Nível 2. Isso significa que, de acordo com o Departamento de Estado dos EUA:

O Vietnã é principalmente um país de origem para mulheres e crianças traficadas para exploração sexual comercial e trabalho forçado. [...] O Vietnã é um país de destino para crianças Cambojanas traficadas para centros urbanos para realizar trabalhos forçados ou exploração sexual comercial. O Vietnã tem um problema de tráfico interno com mulheres e crianças de áreas rurais traficadas para centros urbanos para exploração sexual comercial e trabalho forçado. O Vietnã é cada vez mais um destino para o turismo sexual infantil, com perpetradores do Japão, da República da Coreia, da República Popular da China, Taiwan, Reino Unido, Austrália, Europa e dos EUA (p. 260, tradução nossa).

Essa categorização anda de mãos dadas com sanções econômicas para países que não cumprem os requisitos ou recomendações que acompanham suas respectivas colocações. A pressão internacional, especialmente dos EUA, que se seguiu à colocação do Vietnã em 2008 forçou o Vietnã a implementar medidas contra o tráfico humano, embora não houvesse evidência de um problema de tráfico humano além do Relatório TIP, porque o país queria manter sua imagem de destino atraente para investimentos ocidentais (HOANG, 2015, p. 35). O governo, em colaboração com ONGs, posteriormente adotou medidas para reprimir a prostituição, especialmente as partes mais aparentes, como o fechamento de bares e a prisão de profissionais do sexo (HOANG, 2016, p. 25-26). No entanto, esse tipo de ação policial não se mostrou muito eficaz no combate ao tráfico sexual, e sim, levou mulheres a terem que continuar trabalhando de forma clandestina, o que aumenta os riscos em relação à saúde e à violência que estas estão sujeitas (DERKS, 2003, p. 130). Essas ONGs, junto com agências do governo dos EUA e organizações

religiosas, estão fortemente presentes no Vietnã desde 2006, depois de uma visita do presidente dos EUA, George W. Bush, com a missão de salvar as vítimas do tráfico de pessoas pobres do terceiro mundo (p. 26).

A ideia de resgatar e reeducar trabalhadoras do sexo apresenta falhas, especialmente se tais mulheres forem identificadas erroneamente como traficadas, como é frequentemente o caso (p. 22). Mulheres que são “resgatadas” pela polícia ou por ONGs têm muitas vezes a opção de ir à prisão ou visitar um centro de reabilitação durante vários meses, onde aprendem a cozinhar, limpar e semear para trabalhar em diferentes indústrias após o a reabilitação ter sido concluída com sucesso (HOANG, 2015, p. 107-110). O ponto de vista de uma das ONGs entrevistadas por Hoang deixa claro qual abordagem esses centros costumam seguir:

“Aqui ensinamos disciplina às mulheres. Nós os chamamos de artesãs porque queremos que eles vejam valor no trabalho que produzem, mas temos que administrar seu dinheiro para que elas aprendam o valor da poupança. Caso contrário, depois que elas saírem daqui, elas voltarão ao trabalho sexual. Nós vemos isso o tempo todo. Se elas forem presas uma segunda vez depois de passarem pelo nosso centro, nós simplesmente as deixamos ir para a cadeia para que elas possam aprender suas lições lá. É como um vício... Você tem que cortar a pessoa abruptamente e provocar abstinência [do trabalho sexual]” (Citado por HOANG, 2016, p. 28, tradução nossa)

No entanto, muitas mulheres no Vietnã que entram no trabalho sexual já trabalharam em outros setores, como a indústria de roupas e tijolos, ou como empregadas domésticas (HOANG, 2015, p. 108). Nestes setores, as mulheres muitas vezes trabalham longas horas de tarefas fisicamente exigentes por pouco salário e não estão protegidas contra abuso físico ou assédio sexual por parte de seus supervisores. Hoang descreve um caso de uma de suas entrevistadas que trabalhava como empregada doméstica por US \$ 50 por mês até que ela foi estuprada pelo pai da família quando tinha 16 anos de idade (p. 109). Por causa do sofrimento que estes tipos de condições de trabalho podem ocasionar, algumas mulheres optam por trabalhar na indústria do sexo, já que muitas vezes esta oferece um salário mais alto e menos horas de trabalho do que outras ocupações disponíveis para mulheres com uma educação relativamente baixa.

Outro exemplo para a mistura de trabalho humanitário, mídia sensacionalista e grandes fluxos de recursos materiais é a história de Somaly Mam, uma ativista Cambojana na luta contra o tráfico humano e a escravidão sexual (HOEFINGER, 2016). Mam, a fundadora da Somaly Mam Foundation, está envolvida no combate à escravidão sexual há muitas décadas e tinha uma longa lista de apoiadores famosos como a rainha Sophia da Espanha, Angelina Jolie, Lucy Liu e Sheryl Sandberg (diretora operacional do Facebook) são algumas dessas pessoas (HOEFINGER, 2016, p. 59). Com sua fundação, ela se concentrou na criação de imagens de mulheres que são brutalmente forçadas à prostituição enquanto também direcionou seu foco para “educar” o público em geral sobre as dimensões da escravidão sexual (p. 58). Em um documentário da PBS chamado *Half the Sky*, por exemplo, Mam afirma que há 57 mil escravas sexuais no Camboja, que 2,4 milhões de meninas são forçadas à escravidão sexual (sem elaborar esse número) e que a idade média de início da escravidão sexual é de 2 anos. Para todos esses números, Mam não fornece nenhuma fonte. Apesar disso e apesar do fato de que em 2014 o jornalista investigativo Simon Marks mostrou que as histórias de garotas resgatadas de Mam e sua própria vida como escrava sexual foram fabricadas, Mam ainda consegue garantir grandes quantias de dinheiro para seu trabalho (p. 62). Seu trabalho também teve grande apoio político em nível nacional e internacional, desde políticos locais até George W. Bush, Hillary Clinton e o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon (p. 59). A influência que Somaly Mam teve no debate internacional sobre a escravidão sexual é enorme, considerando seus seguidores. Isso ocorre porque as histórias apresentadas se encaixam em narrativas comuns de prostituição e tráfico de seres humanos e são adequadas para lidar com sentimentos de culpa do primeiro mundo (turismo sexual, legado da Guerra do Vietnã) que, por sua vez, garantem dinheiro dos doadores (p. 61). Ao mesmo tempo, a fundação raramente (ou nunca) apresenta relatos de mulheres que realmente trabalham na indústria do sexo, silenciando, portanto, aqueles para os quais pretende trabalhar.

É problemático que as vozes dos profissionais do sexo (ou pelo menos aquelas que não se encaixam em noções comuns de tráfico sexual) sejam raramente levadas em consideração por ONGs, governos ou Organizações Internacionais. Como mostrado acima, governos, como os Vietnamitas, são pressionados pela comunidade internacional a adotar medidas repressivas contra o

tráfico de pessoas, se quiserem continuar recebendo investimentos estrangeiros e evitar sanções econômicas. Da mesma forma, “o humanitarismo contemporâneo também está preso a grandes fontes de capital financeiro” (SHIH, 2017, p. 772), para o qual diferentes *players*, como as ONGs, competem. Essa competição por recursos financeiros, por sua vez, desestimula a análise crítica das razões culturais, socioeconômicas e históricas do trabalho sexual e do tráfico de pessoas, porque isso exigiria soluções de longo prazo sem melhorias visíveis dos indicadores observados, como traficantes presos ou vítimas salvas. O que normalmente resulta disso são projetos sociais baseados no mercado que apelam para as noções rasas de consumidores, que na maioria dos casos são ativistas e doadores do Norte global (p. 773). Assim, o humanitarismo se torna mercantilizado e não se baseia mais em fatos empíricos para criar soluções que atendam às necessidades das pessoas que são os protagonistas desta história.

#### **2.4. Trajetórias Socioeconômicas e Estilos de Profissionais do Sexo**

Até agora, defini trabalho sexual como uma profissão que não deve ser confundida com uma identidade ou característica social e psicológica. Também mostrei que há uma dicotomia em relação às noções sobre trabalho sexual com vítimas forçadas de um lado e agentes conscientes do outro. Além disso, contemplei como os defensores do feminismo abolicionista criam uma representação falsa de profissionais do sexo que, por sua vez, influenciam doadores e ativistas do Norte global que estão apoiando ONGs e outras organizações que trabalham no setor humanitário. Para garantir o acesso a recursos financeiros, essas organizações têm que criar projetos sociais que apelam para as noções de doadores, mas muitas vezes não atendem às necessidades de seus grupos-alvo e podem, em alguns casos, até mesmo prejudicar suas situações. Neste tópico, vou olhar mais a fundo as circunstâncias históricas, culturais e socioeconômicas que favorecem a existência do trabalho sexual no Vietnã e no Camboja.

### 2.4.1. Camboja

Para compreender o trabalho sexual e suas possíveis origens no Camboja, é preciso colocá-lo em contextos históricos, culturais, religiosos e socioeconômicos. Hoefinger ressalta que a sociedade Khmer é fortemente influenciada pelas ideias budistas de inter-relações entre o mérito, o karma e o dharma, que estabelece as bases para uma ordem social hierárquica (HOEFINGER, 2013, p. 11). Nesta hierarquia, as mulheres são vistas abaixo dos homens porque, ao contrário delas, elas não podem acumular mérito ou obter poder do conhecimento budista servindo como monges assim como os homens. Dessa forma, as mulheres têm que seguir caminhos diferentes para acumular méritos, como cumprir seus papéis específicos de gênero (DERKS, 2003, p. 141; HOEFINGER, 2013, *ibid.*). Não conformar-se com esses papéis de gênero significa perder a condição de ser mulher na sociedade Khmer e, portanto, a própria identidade Khmer, que por sua vez traz vergonha às famílias das mulheres e as mesmas (*ibid.*). Os papéis de gênero feminino incluem completa submissão e servidão em relação ao marido, ingenuidade e contenção sexual, bem como cuidar da família (avós, pais, irmãos, filhos). Por outro lado, essas regras não se aplicam a homens que tradicionalmente são autorizados a coletar experiências sexuais antes e depois do casamento, enquanto mulheres devem ser virgens quando se casam, o que gera a ideia de dois pesos e duas medidas dentro da sociedade cambojana (HOEFINGER, 2013, p. 12; SANDY, 2009, p. 222). Esse machismo deve ser levado em conta ao tentar explicar por que as mulheres no Camboja se envolvem em trabalho sexual.

O trabalho sexual não é apenas um fenômeno contemporâneo no Camboja, ele está presente em diversos momentos da história (HOEFINGER, 2013, p. 84). Enquanto a comercialização de sexo foi observada e consumida pelos colonos franceses no século XIX e na primeira metade do século XX, a mesma também foi fortemente regulada pelas autoridades. Após a independência do país em 1953, novos centros comerciais vibrantes como a cidade portuária Sihanoukville começaram a surgir (SANDY, 2009, p. 220-222). Lá, muitos marinheiros, visitantes internacionais, mas também elites nacionais buscavam “recreação”, a qual frequentemente andava de mãos dadas com o sexo comercial. Em Sihanoukville, o trabalho sexual, que era proibido em outras partes do Camboja, foi legalizado e

controlado por elites locais que conseguiam ganhar quantias substanciais de dinheiro com os bordéis em atividade. Nesse ambiente, era esperado (e desejado) que as mulheres fossem modernas, participando do consumismo global possibilitado através da alta renda do trabalho sexual, entretanto as mulheres ainda tinham que cumprir as responsabilidades de gênero acima mencionadas.

Após o domínio do Khmer Vermelho (1975-1979), durante o qual o trabalho sexual e o sexo extraconjugal eram punidos com pena de morte, o trabalho sexual voltou a florescer sob o domínio Vietnamita (1979-1991) e da Autoridade Transitória das Nações Unidas (1991-1993), devido às forças vietnamitas e o pessoal da ONU que estavam estacionados no Camboja (ibid.). Durante esse período, a economia do Camboja começou a se recuperar da devastação causada ao país pelo regime do Khmer Vermelho, fornecendo, especialmente para homens jovens, renda disponível. Com novos recursos financeiros à mão, comprar sexo tornou-se uma atividade recreativa aceita por homens cambojanos, assim como por tropas e turistas estrangeiros.

As noções culturais de sexualidade e obrigações femininas, bem como o contexto histórico, explicam onde as mulheres estão na hierarquia social, o que se espera delas, mas também de onde vem a tamanha demanda por sexo comercial. No entanto, isso por si só não explica completamente porque muitas mulheres hoje em dia decidem se envolver em trabalho sexual. Portanto, as circunstâncias econômicas em que as mulheres vivem também devem ser consideradas. O genocídio cambojano durante a Era Pol Pot deixou milhões de mortos, especialmente homens. Depois que a era terminou, a sociedade foi fortemente transformada; dois terços da população eram mulheres e a maioria era viúva (HOEFINGER, 2013, p. 85-86). Assim, muitas mulheres tiveram que criar seus filhos sozinhas, sem o suporte familiar, já que muitas pessoas haviam sido realocadas ou mortas. Além disso, a população tornou-se mais jovem. Mesmo no início dos anos 2000, quase cinquenta por cento da população tinha menos de dezoito anos, o que, por sua vez, significa que muitos jovens e alguns idosos dependem de uma pequena força de trabalho para cuidar deles (pouca gente em idade ativa) (SANDY, 2006, p. 461). Nesse caso, a força de trabalho consistia em grande parte das mulheres jovens que, por causa dos papéis de gênero mencionados, eram responsáveis pelo sustento de suas famílias, o que às vezes chegava a significava três gerações

dependendo da renda de apenas uma geração. Conseqüentemente, os ganhos das mulheres jovens teriam que ser relativamente altos. Ainda que alguns setores da economia que exigem apenas mão-de-obra pouco qualificada, como a indústria de tijolos, consigam fornecer a renda necessária para estas mulheres sustentarem suas famílias, em muitos casos, esses empregos acabam sendo fisicamente demandantes e geralmente exigindo que seus funcionários trabalhem até 14 horas por dia (SANDY, 2006, p. 462). Nestas circunstâncias, o trabalho sexual oferece uma alternativa viável para muitas mulheres, já que às vezes elas podem ganhar mais de US \$ 100 por mês. Uma funcionária de sexo de 23 anos chamada Rowena entrevistada por Sandy explica:

"Minha irmã mais velha e eu trabalhávamos em uma fábrica de tijolos, fabricando tijolos à mão. Eu carregava esses tijolos nos meus ombros, do lugar onde os produzíamos até um outro lugar relativamente perto; eu os carregava com a ajuda de um pano sobre os ombros. Eu carregava cerca de trinta ou quarenta tijolos de cada vez e meus ombros sempre doíam. Foi um trabalho muito árduo, então parei de fazer isso e vim aqui para ser uma garota de programa [twer sre] porque é muito mais fácil. [...] Foi um trabalho muito difícil, por exemplo, usar o pano para carregar tijolos no meu ombro e agora não preciso mais fazer isso. [Agora] as horas que trabalhamos dependem de nós, elas não nos forçam a trabalhar muito. Se quisermos, podemos trabalhar muito, mas o trabalho acaba rapidamente e temos muito mais dinheiro quando terminamos." (2006, p. 462-463, tradução nossa).

Ouvindo a história de Rowena, fica claro que algumas mulheres veem o trabalho sexual como a alternativa mais fácil em comparação com outros empregos, envolvendo-se assim de maneira livre e consciente no trabalho sexual, mesmo que o leque de escolhas baseadas em seu nível de escolaridade relativamente baixo seja limitado. No entanto, isso não significa que a escolha e a coerção sejam exclusivas e não possam coexistir na trajetória de uma mesma trabalhadora do sexo. Como Hoefinger (2013, p. 95-96) argumenta os papéis de gênero femininos mencionados acima incluem submissão e servidão em relação à família de uma mulher. Essas noções baseiam-se em práticas históricas e podem até incluir a servidão por dívida e a obrigação de pagar os próprios pais por terem as criado. Às vezes, isso leva os pais a oferecerem o trabalho de suas filhas para pagar suas próprias dívidas, trabalho o qual que, em alguns casos, inclui serviços sexuais (HOEFINGER, 2013, p. 92-95). Essas dívidas podem resultar da pobreza e da incapacidade de suprir necessidades econômicas, mas também de outras circunstâncias familiares. No

caso de uma mulher entrevistada por Hoefinger, sua mãe a enviou, dado que ela era a filha mais velha, para uma família chinesa em Phnom Pen para pagar suas dívidas de jogo através de seu trabalho na casa. Quando o pai da família tentou estuprá-la, ela lutou contra ele, deixou a casa e começou com 14/15 anos a trabalhar em um bar no qual ela vendeu sua virgindade a um chinês por US \$ 200. Depois disso, ela continuou a trabalhar no bar e conheceu seu primeiro namorado estrangeiro dois anos depois, o que a fez mudar de trocas diretas de sexo por dinheiro para relações mais indiretas como namorado e namorada com seus clientes.

Este exemplo mostra que as obrigações familiares com gênero, a pobreza, mas também a má conduta pessoal dos pais, em conjunto, facilita a entrada de mulheres no trabalho sexual, às vezes em relações de servidão por dívida. No entanto, é importante notar que, em ambos os casos, as mulheres enfatizaram que foi de livre arbítrio sua entrada no mercado de trabalho sexual. Isso obviamente não significa que a prostituição forçada não exista, embora muitas vezes aconteça de forma diferente do que os relatos de máfias do tráfico sexual a descrevem. Às vezes, o desejo dos pais de participar do consumo global, como no caso a seguir, pode levar as mulheres à entrada forçada do trabalho sexual. No relato abaixo, uma mãe vietnamita que vive em Phnom Pen explica por que levou sua filha a um bordel:

“Tivemos muitas dívidas, porque tivemos que pagar o empréstimo que fizemos para comprar uma televisão. Eu não tinha dinheiro e estava sobrecarregada de dívidas. O proprietário veio me perturbar todos os dias pedindo o dinheiro. Meu marido não conseguiu ganhar dinheiro suficiente e por isso decidi levar minha filha a uma loja [bordel]. Eu ganhei 200 dólares porque ela ainda era virgem,” (DERKS, 2003, p. 142, tradução nossa).

Não é relatado o que a menina decidiu fazer depois de seu tempo no bordel, se ela deixou o trabalho sexual ou permaneceu nele, mas uma variedade de resultados é possível. Este caso mostra que a prostituição forçada de fato existe, mas que suas origens não devem ser atribuídas ao crime organizado, mas sim a papéis de gênero, circunstâncias socioeconômicas e decisões pessoais das pessoas envolvidas. Além disso, as dinâmicas do trabalho sexual “nunca são tão em preto e branco como simplesmente a diferença entre o que é livre escolha e o que é coerção” (HOEFINGER, 2013, p. 95). Para entender o trabalho sexual no Sudeste Asiático, as experiências cotidianas das mulheres envolvidas têm que ser reconhecidas porque suas visões sobre o trabalho sexual oferecem insights valiosos

sobre como o trabalho sexual acontece. Essas experiências que as mulheres acumulam trabalhando na indústria do sexo são muitas vezes muito diferentes de como o público em geral as percebe. Além da escravidão sexual não ser o padrão para a maioria das mulheres na indústria, ainda podemos ver que as trocas diretas de sexo por dinheiro entre as mulheres e seus clientes não são a única forma de trabalho sexual que as mulheres estão envolvidas (HOEFINGER, 2016, p. 246-247). Hoefinger ressalta que muitas das mulheres, como indivíduos conscientes e inovadores, usam suas habilidades e recursos para buscar segurança material, mas também encontram emocionais românticos, casamento e amor, muitas vezes com homens estrangeiros que elas idealizam como bons amantes. Isso, juntamente com os desejos dos homens por relacionamentos românticos, leva a uma “complexa interação entre preocupações pragmáticas simultâneas e desejos emocionais, entre economias sexuais íntimas e baseadas em presentes, e entre 'lógicas culturais de amor' e economia política” (HOEFINGER, 2016, p. 246). Hoefinger descreve as trabalhadoras do sexo como namoradas profissionais para ressaltar seu trabalho emocional, mas também as relações íntimas que se desenvolvem entre essas mulheres e seus clientes. Embora essas namoradas profissionais não formem um grupo homogêneo, elas ainda assim realizam tipos de trabalhos emocionais de diferentes intensidades, o que contesta as crenças comuns de profissionais do sexo como vítimas indefesas que trabalham apenas em busca de um dinheiro rápido.

#### **2.4.2. Vietnã**

Assim como o Camboja, o Vietnã, especificamente a cidade de Ho Chi Minh (HCMC), viu vários eventos e épocas que influenciaram fortemente a existência do trabalho sexual durante os últimos 150 anos (HOANG, 2015, p. 26-27). Existem três momentos importantes nesta história recente que merecem uma atenção especial: o colonialismo francês e a intervenção dos EUA até a queda de Saigon, a liberalização econômica (Doi Moi) após o estrito regime comunista, e a adesão do Vietnã como o 150º membro da OMC causando novamente prosperidade econômica no Vietnã. O domínio francês de 1867-1954 foi um período de urbanização e ocupação militar no Vietnã, durante o qual surgiram novas formas de trabalho sexual atendendo homens

brancos comparativamente ricos, já que a demanda era muito alta e as mulheres que migravam para os novos centros urbanos procuravam trabalho (p. 29). A hierarquia racial durante a época privilegiou os brancos porque eles podiam pagar mais dinheiro em comparação aos homens vietnamitas locais.

Esta hierarquia continuou durante a guerra do Vietnã de 1962-1975 (p. 29-31). Devido à urbanização forçada e ao deslocamento interno de pessoas, a população de HCMC (antigamente conhecida como Saigon) subiu de 0,5 para 4 milhões. Durante esse período, Saigon era o lar de aproximadamente 500 mil profissionais do sexo que eram principalmente mulheres refugiadas que se dedicavam ao trabalho sexual para sustentarem a si próprias e, muitas vezes, às suas famílias. Os relatos das experiências das mulheres durante esse período variam desde relatos de estupro e violência sexual durante intercâmbios diretos de sexo por dinheiro até mulheres descrevendo “seu trabalho nos bares em termos positivos, cheios de bons momentos, camaradagem e alegria”. (HOANG, 2015, p. 30-31). Essas mulheres continuam dizendo que, por causa do trabalho sexual, conseguiram se libertar dos papéis tradicionais de gênero (GUSTAFSSON, 2011, p. 315-319). Embora ambas as narrativas pareçam se contradizer, elas são, não obstante, dois aspectos das mesmas experiências e mostram quão complexas as relações íntimas entre os profissionais do sexo e seus clientes foram durante a Guerra do Vietnã.

Durante o rigoroso regime comunista de 1975-1986, não havia evidência de trabalho sexual porque era condenado como um produto do imperialismo americano (HOANG, 2015, p. 31-32). A Igualdade de Gênero estava entre outras metas no centro de novas políticas que incluíam formação médica, bem como vocacional, cultural e acadêmica para mulheres. No entanto, a liberalização econômica de 1986-2006, chamada Doi Moi, favoreceu novamente o surgimento do trabalho sexual, com mais e mais empresários ocidentais e vietnamitas do exterior (Viet Kieu) entrando no Vietnã (p. 32-33). Enquanto ocidentais brancos frequentavam bares como “Apocalypse Now”, onde podiam lembrar os “bons e velhos tempos” vividos durante a guerra, os Viet Kieu (Vietnamitas do exterior) criaram outro nicho de mercado em espaços luxuosos, onde eram tratados como vips. Como argumentei abaixo, esses homens usam o trabalho sexual para se assegurar de suas próprias masculinidades.

Em 2007, o Vietnã aderiu à OMC e, posteriormente, o investimento estrangeiro direto, especialmente da Ásia, cresceu fortemente, criando um novo nicho de mercado na indústria do sexo com as mulheres desempenhando um papel importante nos negócios internacionais. Durante reuniões informais em bares de alto nível entre empresários vietnamitas e outros asiáticos, as profissionais do sexo são frequentemente necessárias para iniciar conversas e, subsequentemente, laços de confiança entre os homens. Além disso, dar gorjeta às mulheres com altos valores dá aos empresários vietnamitas a oportunidade de mostrar sua própria riqueza e potencial financeiro (p. 37). No entanto, na análise seguinte de diferentes tipos de trabalho sexual em HCMC, o foco será em mercados que atendem a homens vietnamitas pobres, empresários brancos e mochileiros, bem como Viet Kienes, porque as mulheres que trabalham nesses setores respondem pela maioria das profissionais do sexo, e ainda mostrar como é diversa a indústria do sexo de HCMC.

Kimberly Hoang, uma socióloga americana que leciona na Universidade de Chicago, realizou 22 meses de pesquisa em HCMC, durante os quais conduziu entrevistas em profundidade com dezenas de profissionais do sexo, clientes e donos de bares onde as mulheres tendem a trabalhar. Em vários artigos e um livro, Hoang analisa a indústria do sexo de HCMC e desenha um retrato muito estratificado (HOANG 2011; HOANG, 2015; HOANG, 2016). Ela argumenta que a indústria do sexo da HCMC é dividida em três nichos de mercado racial e economicamente diversos, habitados por profissionais do sexo e clientes com diferentes recursos econômicos, culturais e corporais (HOANG, 2011, p. 368): um setor de baixo custo pobres clientes vietnamitas locais, um setor intermediário frequentado por mochileiros e empresários ocidentais, e um setor de luxo ocupado pelos homens Viet Kieu. Em consonância com Bourdieu (1986), ela argumenta que diferentes formas de capital só podem gerar valor em campos sociais específicos, que são áreas de dificuldade nos quais os agentes agem para preservar ou melhorar sua posição social (p. 248-249, 253). Com base nisso, ela mostra como mulheres com certas quantias de diferentes tipos de capital, como dinheiro (financeiro), aparência externa (física), educação (social) e habilidades linguísticas (culturais) têm acesso a setores específicos da indústria do sexo e assim homens específicos, tanto locais quanto globais (HOANG, 2011, p. 368). Por outro lado, essa mesma teoria também vale para os clientes. Assim como os homens vietnamitas locais pobres nunca

poderiam se dar ao luxo de frequentar bares sofisticados nas partes caras de HCMC, mulheres vietnamitas locais pobres com um baixo nível de instrução não têm a capacidade de atender ricos empresários vietnamitas que geralmente são bem instruídos. Na descrição que se segue sobre esses setores, o foco é no background socioeconômico das mulheres envolvidas, mas também nas diferenças das condições de trabalho entre os setores.

As quantidades de diferentes recursos disponíveis para cada mulher geralmente depende de suas origens socioeconômicas, que variam com base no setor em que trabalham (HOANG, 2011, p. 376-388). No setor de baixo custo, onde as mulheres atendem homens vietnamitas pobres, a maioria das mulheres vem de áreas rurais ou urbanas pobres e já trabalhou em outros setores de serviços ou manufatura (p. 376-377). Muitas delas são mães solteiras que precisam cuidar de suas famílias sem suporte algum. Enquanto todas as mulheres entrevistadas por Hoang não gostavam de seus trabalhos, elas ainda os faziam porque era uma maneira de escapar da pobreza. Para essas mulheres US \$ 100 por mês, significa duas vezes mais renda do que outros empregos em setores de baixa remuneração no Vietnã. Sua dependência da renda proveniente do trabalho sexual as deixa sem escolha em relação aos clientes, o que as torna vulneráveis à exploração e subordinação dos homens. Uma das mulheres entrevistadas por Hoang descreve: “O que fazemos é sujo. Homens velhos e sujos entram aqui e são brutos com meu corpo. Eles não se importam comigo porque para eles eu sou apenas uma prestadora de serviços. Quando comecei a trabalhar, vomitava depois de cada cliente, mas agora estou acostumada com isso” (p. 378). Quando questionada por que ela não trabalharia no Distrito Um (principal setor de negócios da HCMC) em um dos bares que atende estrangeiros, onde ela poderia ganhar muito mais dinheiro e, provavelmente, ter melhores condições de trabalho, outra profissional do sexo elaborou:

"Eu sou velha. Eu tenho um filho. Eu não sou bonita. Eu não falo inglês nem sei como chegar a esses lugares [que atendem a homens estrangeiros]. Eu não tenho roupas ou dinheiro para andar nesses tipos de bares, então eu nunca poderia trabalhar lá. Eu nunca poderia competir com aquelas mulheres. Não é fácil tirar dinheiro dos homens brancos” (p. 377, tradução nossa).

Embora essas mulheres não sejam obrigadas a vender seus corpos, elas ainda o fazem por necessidade econômica. Eles raramente têm acesso a outros setores da indústria do sexo por causa de sua falta de recursos e, assim, continuam a atender aos homens com o mesmo background que elas mesmas, mesmo que isso signifique um nível relativamente baixo de controle sobre seu trabalho (p. 380).

No setor intermediário, as mulheres atendem a mochileiros ocidentais, homens de negócios e expatriados (HOANG, 2011, p. 382-384). Essas mulheres são muitas vezes de famílias urbanas ou rurais relativamente pobres, mas ainda possuem significativamente mais recursos do que as mulheres do setor de baixa renda e, portanto, conseguem se transitar confortavelmente em ambientes sociais habitados por estrangeiros. Esses recursos incluem dinheiro suficiente para comprar roupas como vestidos curtos e maquiagem, bem como a capacidade de se comunicar em inglês. Em contraste com o setor de baixo custo, onde as mulheres se engajam exclusivamente em trocas diretas de sexo por dinheiro, as mulheres neste setor também se envolvem em relacionamentos de curto e longo prazo com seus clientes. Estas tentam receber grandes quantias de dinheiro de seus clientes na forma de presentes ou remessas e raramente não são bem-sucedidas. Em alguns casos, as mulheres também procuram se casar com seus clientes e seus relacionamentos frequentemente se assemelham a relacionamentos namorado-namorada, incluindo sentimentos românticos em um ou nos dois lados (p. 384). Dessa forma, as mulheres ganham de US \$ 50 a US \$ 70 por cliente com quem se relacionam e, muitas vezes, várias centenas de dólares por mês em remessas. Além disso, seus namorados às vezes enviam dinheiro para sustentar suas famílias quando sofrem de desastres reais ou inventados, que podem ir de várias centenas a vários milhares de dólares por vez (p. 383). Hoang aponta como as trabalhadoras do sexo nesse setor veem seu trabalho como uma oportunidade de transformar suas vidas em comparação com o trabalho em uma fábrica onde não têm a possibilidade de obter grandes quantias de dinheiro ou aumentar seu capital cultural, melhorando seu inglês, por exemplo, (2015, p. 161). Em contraste com o setor de baixo custo, as mulheres do setor intermediário podem agir estrategicamente e aumentar seu capital para obter mobilidade social ascendente, realizando trabalho sexual direto para garantir um fluxo constante de dinheiro e trabalhar em relacionamentos de longo prazo para garantir quantias “extras” de dinheiro (p. 162). Exemplos disso são

mulheres que tiram proveito dos desejos dos homens ocidentais por mulheres do terceiro mundo, concretizando essas imagens com sua aparência física, bem como, às vezes, inventando histórias sobre suas famílias em necessidade. Assim, para alguns homens, as profissionais do sexo se tornam “pequenos projetos em desenvolvimento” que eles usam para se assegurar de sua capacidade econômica e, portanto, da sua masculinidade (p. 165).

No setor de luxo, a maioria das mulheres vem da classe média de HCMC e frequentemente possuem diploma universitário, o que lhes permite encontrar empregos com altos salários, como no setor bancário, onde podem ganhar até US \$ 600 por mês (HOANG, 2011, p. 386-389). Além disso, algumas das mulheres recebem apoio financeiro de seus pais. Para essas mulheres, o trabalho sexual não é um meio de sobrevivência ou mobilidade social, porque elas já ocupam postos relativamente altos na hierarquia social, mas uma maneira de consumir ainda mais bens de luxo e se divertir. Abaixo, podemos ver como uma mulher entrevistada por Hoang se posiciona:

“É temporário: esses homens eventualmente voltarão para suas casas, e é bom ser mimada com presentes e dinheiro extra. Eu me divirto fazendo isso. Eu sou jovem, então porque não, certo? Eu não vou poder fazer isso quando eu estiver nos meus trinta anos, então é com essa idade que eu pretendo me casar” (p. 388, tradução nossa).

Em contraste com os outros setores, quase todos os intercâmbios desse “nível” se assemelham a relacionamentos namorado-namorada, mas sem o objetivo subsequente de se casar com seus clientes. Ambas as partes envolvidas sabem que o dinheiro e os presentes dados às mulheres são apenas isso: presentes e não pagamentos. Esses mimos incluem dinheiro, roupas de grife, celulares e até viagens de férias. Com o dinheiro extra que recebem muitas mulheres também pagam por cirurgias plásticas para se distinguir de mulheres mais pobres (p. 387). Clientes, por outro lado, na maioria das vezes sabem que estão comprando um serviço dessas mulheres e fazem isso para se “exibir” para os outros e ostentar sua masculinidade, mostrando que podem comprar para suas namoradas produtos caros e consumir em estabelecimentos de luxo (p. 389-390). No entanto, ao mesmo tempo, esses mesmos clientes também compram intimidade e sentimentos românticos que essas mulheres (geralmente) fingem ter em relação a eles.

Os três setores da indústria do sexo HCMC, bem como as trabalhadoras do sexo e namoradas profissionais no Camboja mostram o quão estratificado e diverso o trabalho sexual nesses locais é. Todos os setores da indústria do sexo do Vietnã trabalham com base em suas próprias regras e são ocupados por mulheres e clientes de diferentes posições sociais com base em seus respectivos recursos disponíveis. As origens das mulheres influenciam o porquê delas escolherem entrar no trabalho sexual, o que estas procuram o que podem conseguir, como o seu trabalho é estruturado e como elas podem influenciar as suas condições de trabalho. As pessoas envolvidas buscam a satisfação de certos desejos que variam de pessoa para pessoa (HOEFINGER, 2013, p. 161-162). Alguns clientes procuram amor verdadeiro e sentimentos românticos, outros apenas sexo descompromissado em suas férias ou a satisfação de seus desejos carnis. Muitas mulheres querem escapar da pobreza, algumas procuram diversão e dinheiro adicional para possibilitar que estas mantenham seus estilos de vida luxuosos. Assim, os serviços sexuais ou íntimos que os homens buscam e as mulheres oferecem, vão desde o trabalho sexual rápido e direto, levando a orgasmos até relacionamentos duradouros incluindo sentimentos românticos entre ambas as partes.

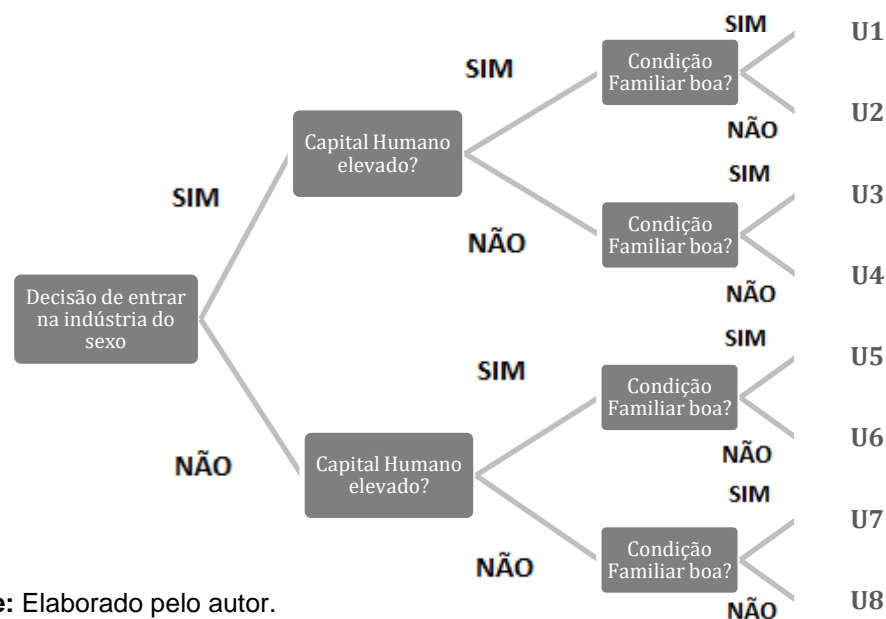
## **2.5. A racionalização do trabalho sexual feminino**

Como afirmado acima, os defensores dos extremos da dicotomia forçado X livre veem as trabalhadoras do sexo de duas maneiras: agentes capazes e racionais que escolhem entrar livremente nesse mercado ou vítimas que ofertam sexo porque são fisicamente ou através de outras circunstâncias forçadas a fazê-lo, respectivamente. Enquanto o primeiro propõe tratar essas mulheres como trabalhadoras e, assim, fazer com que o governo as ofereça direitos como tais, o segundo costuma pressionar por diferentes conceitos de abolição do trabalho sexual. Baseado no feminismo radical, a abordagem abolicionista conceitua o trabalho sexual como um problema do patriarcado, enquanto as outras vertentes de pensamentos se embasam em escolas de pensamento pós-modernas e liberais, tentando mostrar que a abordagem feminista radical é insuficiente para explicar a dinâmica do trabalho sexual.

Ao assumir que as mulheres são agentes econômicos racionais, podemos, através do modelo econômico de escolha ocupacional, assumir que estas escolhem entrar no mercado de trabalho, pois tal escolha maximiza a sua utilidade (AHLBURG & JENSEN, 1998). Dado fatores como educação, treinamento e saúde, os quais impactam no seu nível de capital humano, ela opta pelas profissões disponíveis no momento da escolha. Entretanto, tal modelo assume que mobilidade entre opções é possível, fato que nem sempre é verdade. Como mencionado anteriormente, mulheres frequentemente possuem menos acesso à educação, carregam e criam seus filhos e são “gestoras” de um lar, o que faz com que estas busquem trabalhos que não as penalizem tanto pelas suas ausências ou com horários mais flexíveis e que requeiram menos capital humano, limitando sua gama de escolhas. Assim, a maioria das trabalhadoras do sexo são motivadas pela pobreza extrema, suas responsabilidades para com as suas famílias e/ou sua falta de acesso a outras profissões a entrarem na indústria do sexo (BASU, 1995), maximizando sua utilidade dentre um leque limitado de opções.

Abaixo, podemos observar um modelo simplificado de decisão com as duas variáveis que mais impactam na escolha de uma mulher vietnamita/cambojana de ingressar na indústria do sexo do Sudeste Asiático, seu nível de capital humano e sua condição familiar:

**Figura 1:** Árvore de decisão



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Ao analisar ambos a árvore de decisão e a utilidade destes, baseado nos ganhos e custos de cada opção, em conjunto com a análise sociológica prévia, podemos elencar as utilidades, sendo U8 a menor, U7 um pouco maior, e assim por diante, até chegar à maior utilidade: U1. O racional de ambos os extremos se dá de forma que:

1. U8: São mulheres com uma condição familiar ruim e baixo nível de capital humano, que, ao comparar o custo de se prostituir ao custo de trabalhar no chão de fábrica ou agricultura (opções disponíveis de acordo com a classe em que está inserida), por exemplo, dado um mesmo salário, é menor, dado o esforço necessário para ambas as atividades (horas de trabalho, por exemplo);
2. U1: São mulheres com uma condição familiar boa e alto nível de capital humano que, dado a elitização da prostituição nesses países e o fato destes ainda serem extremamente machistas e com opções limitadas para mulheres terem uma carreira de sucesso, também optam pela prostituição para maximizar seus ganhos, pois, dado o mesmo esforço, estas ganham mais se prostituindo do que trabalhando em outros setores da economia disponíveis.

Assim, o contexto em que estas mulheres estão inseridas e o limitado leque de profissões disponíveis, faz com que a prostituição acabe sendo a melhor delas, entretanto, sua escolha não deixa de ser feita de forma consciente e racional.

### 3. Conclusão

A prostituição é um assunto extremamente polêmico no mundo inteiro e a tendência de se polarizar opiniões como mostrado ao longo deste estudo prevalece. Entretanto, Limoncelli (2009) argumenta que, assim como no restante desse estudo, ambos os extremos da dicotomia forçado X livre são insuficientes para entender o trabalho sexual das mulheres. Em sua opinião, o feminismo abolicionista tem se concentrado muito na prostituição como uma forma de violência sexual que é um problema do patriarcado e torna as mulheres como mercadorias que podem ser compradas (p. 265). Apesar da questão da legitimidade da demanda por serviços sexuais ser uma das facetas do trabalho sexual que vale a pena ser explorada, ela não é a única. Ele diz que, ao focar somente nesse aspecto, outras relações de poder, como as raciais e étnicas, ou as desigualdades nacionais, como as questões de classe, são negligenciadas, e como podemos ver na árvore de decisão, tais fatores tem um impacto grande na escolha dessas mulheres. Na mesma linha, Hoang também argumentou que, as condições de trabalho dentro desse mercado dependem muito do status socioeconômico das mulheres e, muitas vezes, condições de trabalho degradantes em outros setores econômicos incentivam as mulheres a ingressar na indústria do sexo (HOANG 2011, p. 376-388). Em consonância com estes pontos, o abolicionismo também não leva em consideração que as mulheres não são as “vencedoras” no “novo mundo globalizado”, especialmente na globalização dos mercados, que cria crescentes desigualdades entre os países (LIMONCELLI 2009, p. 265). Políticas neoliberais resultantes desse processo levam à mercantilização não apenas do trabalho sexual, mas também do trabalho em geral, como nas indústrias de confecções e tijolos, trabalhos que empregam em sua maioria mulheres, as quais ocupam as posições mais baixas nas hierarquias sociais nacionais e internacionais.

Além de importantes causas para o trabalho sexual, a pesquisa apresentada mostra que as profissionais do sexo apenas em alguns casos se definem como vítimas que precisam ser resgatadas, mas se veem como agentes racionais que usam suas habilidades para escapar da pobreza, alcançar ascensão social ou consumir bens de luxo. Embora o feminismo do trabalho sexual desconstrua corretamente a ideia de que todas as trabalhadoras sexuais são vítimas do tráfico, muitos acadêmicos parecem parar por aí e não vão além do pedido de legalização

do trabalho sexual. Limoncelli (p. 263) argumenta que, de acordo com a definição da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de um trabalho legítimo, é difícil definir o trabalho sexual como tal porque ele não cumpre os três critérios básicos: consentimento do acordo, um acordo recíproco e um limite de tempo para evitar que o trabalho seja perpétuo. Para isso, ela dá dois argumentos: Primeiro, as oportunidades de emprego para mulheres com níveis educacionais relativamente baixos são restritas, deixando-as com poucas opções, que em geral são pouco atraentes, as quais as fazem escolher o trabalho sexual como o mal menor. Isso, segundo Limoncelli, complica o conceito de consentimento. Sua outra crítica à definição do trabalho sexual como trabalho legítimo é a prevalência da servidão por dívida em alguns países e casos apontados por Hoefinger (2013, p. 92-95). Limoncelli salienta que a servidão por dívida torna o consentimento existente discutível, anulando reciprocidade das relações e violando os critérios de prazo que perpetuam o acordo de trabalho (2009, p. 263). No entanto, com base na pesquisa de Hoang e Hoefinger apresentada acima, a decisão das mulheres de ingressar no mercado sexual, embora baseada em uma gama limitada de escolhas, ainda é consciente e deve ser tratada como tal. Além disso, o endividamento, embora seja uma realidade para algumas mulheres, não parece explicar a conversão da maioria das mulheres em profissionais do sexo, o que complica o argumento de Limoncelli, já que ela generaliza essa condição de exploração. Com base nisso, defendo que o trabalho sexual é um trabalho legítimo, desde que os envolvidos não sejam fisicamente ou psicologicamente forçados.

No entanto, mesmo que o trabalho sexual seja classificado como uma forma legítima de trabalho, diferentes formas de legalização e regulamentação ainda apresentam certas desvantagens (LIMONCELLI 2009, p. 263-264). Na Alemanha, por exemplo, o trabalho sexual tem sido completamente legal desde 2001, exceto em algumas áreas restritas. No entanto, a respectiva lei não regula os direitos dos trabalhadores do sexo e as obrigações dos empregadores a nível nacional, mas deixa as medidas específicas de implementação para os estados e municípios (PATES ET AL. 2009, p. 99-104). Isso, por sua vez, leva a um status não padronizado de trabalho sexual em toda a Alemanha, com muitos países negligenciando a regulamentação do trabalho sexual, deixando essa tarefa para empregadores, profissionais do sexo, clientes e outros envolvidos. Enquanto muitas

trabalhadoras do sexo e pessoas que mantêm estabelecimentos estão confusas sobre as circunstâncias legais pouco claras, a desregulamentação também coloca as profissionais do sexo em risco em relação à sua saúde e à violência sexual. Assim, as intenções dos legisladores de melhorar as condições de trabalho e o bem-estar das profissionais do sexo não estão sendo cumpridas. Pelo contrário, o *status quo* é mantido porque algumas administrações locais não veem a urgência de regular o trabalho sexual enquanto são mantidas as aparências em relação à ordem pública. Nesse caso, as opiniões pessoais sobre o trabalho sexual têm uma forte influência sobre como os executivos do governo lidam com isso. Limoncelli também argumenta que mesmo existindo leis em determinados países, essas não incluem trabalhadores do sexo migrantes de outros países que não possuem residência válida e, portanto, deixa um grande grupo de mulheres sem apoio legal (2009, p. 264). No entanto, permanece a questão de saber se uma legalização melhorada, com regulamentações mais fortes, com foco nas necessidades das profissionais do sexo, pode levar a melhores condições de trabalho para estas.

Outra abordagem frequentemente mencionada é a ideia de envolver ONGs que podem ajudar a apoiar profissionais do sexo e, junto com executivos do governo, denunciar violações da lei nacional existente ou abusos trabalhistas (LIMOCELLI 2009, p. 264). Como já foi dito, as ONGs já participam a muito tempo do combate ao tráfico de pessoas e da regulamentação do trabalho sexual no Vietnã e no Camboja, assim como em outros países do Sudeste Asiático como a Tailândia (HOANG 2011; HOEFINGER 2013; SHIH 2017). Eles trabalham em conjunto com a força pública para, a partir de sua perspectiva, melhorar as situações das profissionais do sexo ou salvar as mulheres do trabalho sexual por completo. No entanto, como mostrei, essa abordagem coloca problemas em que muitas ONGs não baseiam seu trabalho em dados empíricos, mas sim em ideais morais de trabalho sexual sendo um mal inaceitável (HOANG 2011, p. 21). Além disso, as ONGs dependem, na maioria dos casos, do apoio financeiro dos doadores e, portanto, têm certa responsabilidade de apresentar resultados que estejam de acordo com as expectativas de seus clientes, que podem não oferecer uma maneira adequada de lidar com o trabalho sexual. Assim, as ONGs só devem ser parte integrante da regulação do trabalho sexual, se elas próprias forem regulamentadas para evitar esforços mal direcionados e potencialmente prejudiciais a esta classe de trabalhadoras.

Embora eu não concorde com Limoncelli sobre o status legal do trabalho sexual, ela aponta corretamente que as desigualdades de gênero, raciais/étnicas e de classe, bem como aquelas entre países mais ricos e mais pobres, são causas profundas para o trabalho sexual (2009, p. 266). Conseqüentemente, as intervenções para melhorar as condições para profissionais do sexo precisam ser endereçadas às áreas da sociedade que possibilitam essas causas profundas, como leis que permitem condições de trabalho duras nas fábricas, discriminação racial e de gênero e violência contra as mulheres. Além disso, as mulheres precisam ter acesso a alimentos, cuidados de saúde e educação básica para que possam prosperar para a mobilidade social ascendente e reduzir seu fardo de ser a única fonte de renda de suas famílias. Ao mesmo tempo, muitas profissionais do sexo nas pesquisas de Hoang e Hoefinger enfatizam que estão voluntariamente se engajando em trabalho sexual e contestando o “resgate” oferecido. Uma das entrevistadas de Hoang afirma:

“Diga aos seus amigos que se eles estão com muito medo de encontrar mulheres que são ‘vendidas’ além das fronteiras, devem ir e salvar trabalhadoras de fábricas que são forçadas a trabalhar longas horas por salários baixos, que são agredidas pelos seus chefes a [quem] às vezes tem que oferecer [favores] sexuais a fim de obter um salário mais alto.” (Citado em Hoang 2016, p. 32, tradução nossa)

No entanto, embora as causas básicas para o trabalho sexual e o tráfico de seres humanos precisarem ser abordadas, o status legal dos profissionais do sexo existentes também precisa de esclarecimento para que não sejam falsamente vítimas. Para citar Hoang sobre a questão de reconhecer a existência do trabalho sexual e abordar suas causas ao mesmo tempo:

“Por trás das imagens de arame farpado e algemas estão homens e mulheres realmente envolvidos em uma rede complexa de relacionamentos. À medida que os governos e ativistas intervêm na vida das mulheres, os esforços de ajuda devem ir além da indústria do sexo e em outros locais, como trabalhos no chão de fábricas, trabalho doméstico e trabalho agrícola, para abranger as múltiplas e interligadas fontes de exploração das mulheres.” (2016, p. 39, tradução nossa)

Em outras palavras, para melhorar a vida das profissionais do sexo no Camboja e no Vietnã, pesquisadores e ativistas não devem seguir a dicotomia forçada x livre que simplesmente categoriza as profissionais do sexo como agentes racionais ou

vítimas. Em vez disso, é necessária uma abordagem multifacetada que leve em consideração as experiências complexas das mulheres, que estas são indivíduos racionais que maximizam sua utilidade, bem como os diferentes campos da sociedade, que favorecem a existência de trabalho sexual e tráfico de seres humanos (KOTISWARAN 2013, p. 405).

## REFERÊNCIAS

AHLBURG, Dennis A.; JENSEN, Eric R. **“The economics of commercial sex industry”**. 1998.

<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.170.3212&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 7 abr. 2019

BASU, A. M. **“Poverty and AIDS: The vicious circle”**. Florença: IUSSP/UNICEF/University of Florence Seminar on Demography and Poverty, 1995.

DERKS, Annuska. **“The Broken Women Of Cambodia”**. In *Sexual Cultures In East Asia: The Social Construction Of Sexuality And Sexual Risk In A Time Of AIDS*, Londres: Routledge, 2003. p. 128-156.

DERKS, Annuska. **Khmer Women On The Move: Exploring Work And Life In Urban Cambodia (Southeast Asia--Politics, Meaning, And Memory)**. 22. ed. Honolulu: Universidade do Havaí, 2008.

GUSTAVSON, M. L. **“Freedom. Money. Fun. Love.”: The Warlore Of Vietnamese Bargirls**. *Oral History Review* v. 38 (2), p. 308-330, 2011.

HOANG, Kimberly Kay. **““She’s Not A Low-Class Dirty Girl!”: Sex Work In Ho Chi Minh City, Vietnam**”. *Journal Of Contemporary Ethnography* v.40 (4), p. 367-396, 2011.

HOANG, Kimberly Kay. **Dealing In Desire**. Oakland: California, 2015.

HOANG, Kimberly Kay. **Perverse Humanitarianism And The Business Of Rescue: What’s Wrong With NGOs And What’s Right About The “Johns”?. Perverse Politics? Feminism, Antilperialism, Multiplicity**, p. 19-43, 2016.

HOEFINGER, Heidi. **Neoliberal Sexual Humanitarianism And Story-Telling: The Case Of Somaly Mam**”. *Anti-Trafficking Review*, v. 7, p. 56-78, 2016.

HOEFINGER, Heidi. **Sex, Love And Money In Cambodia**. Routledge, 2013.

HOEFINGER, Heidi; SRUN, Srorn. **““At-Risk” Or “Socially Deviant”? Conflicting Narratives And Grassroots Organizing Of Sex/Entertainment Workers And LGBT Communities In Cambodia**”. *Social Sciences* v. 6 (3), n. 93, 2017.

HUANG, Yingying; PAN, Suiming. "**Government Crackdown Of Sex Work In China: Responses From Female Sex Workers And Implications For Their Health**". *Global Public Health* 9 (9): 1067-1079, 2014.

RENSHAW, Catherine. **Human Trafficking in Southeast Asia: Uncovering the Dynamics of State Commitment and Compliance**. *Michigan Journal of International Law*, v. 37, p. 611, 2016.

<https://repository.law.umich.edu/mjil/vol37/iss4/2>. Acesso em: 29 set. 2018

KEMPADDO, Kamala. "**Revitalizando O Imperialismo: Campanhas Contemporâneas Contra O Tráfico Sexual E Escravidão Moderna**". *Cadernos Pagu*, n. 47, 2016.

KOTISWARAN, Prabha. "**Beyond Sexual Humanitarianism: A Post Colonial Approach To Anti-Trafficking Law**". *SSRN Electronic Journal*, 2013.

SANDY, Larissa. **Sex Work In Cambodia: Beyond The Voluntary/Forced Dichotomy**. *Asian And Pacific Migration Journal*, v. 15 (4), p. 449-469, 2006.

SHIH, Elena. "**Freedom Markets: Consumption And Commerce Across Human-Trafficking Rescue In Thailand**". *Posição* 25 (4): 769-794, 2017.

U.S. Department of State. **Trafficking in persons report**. Washington, DC: U.S. State Department, 2008.

ZELITZER, Viviana A. **Purchase Of Intimacy**. Princeton: Princeton University Press, 2007.